Colisão\ Coalisão - Qual futuro?

LUIS FERNANDO SILVA

Sobre o autor:

Luis Fernando Silva. *Graduado em Licenciatura Plena em História pela FMU/SP. Cursando Especialização em Sociologia Política na PUC-RIO.*

RESUMO

Estado de Exceção, Estado de Direito enfrentam Coronavirus - Contemporâneo gerará futuro incerto a partir da ação liberal da economia, fio condutor de um social que espera-se solidário.

Palavras Chave: politica futuro tempo

ABSTRACT

State of Exception, Rule of Law face Coronavirus - Contemporary will generate uncertain future from the liberal action of the economy, the guiding thread of a social that is expected to be supportive

Keywords: policy future time

No outono da vida, o olhar, antes do ocaso, volta-se para trás, contempla – " ... vou te fazer um pedido \ tempo tempo tempo tempo \ compositor de destinos \ tambor de todos os ritmos \tempo tempo tempo tempo \ entro num acordo contigo \ tempo tempo tempo tempo \ por seres tão inventivo \ e pareceres contínuo – ORAÇÃO AO TEMPO – Caetano Veloso.

Sabe que o tempo em nossa civilização ocidental corre linear, a partir do ano zero, o nascimento do Cristo histórico.

O tempo do nosso berço civilizatório, é greco-romano , e, nele, sem dúvida, o político seria "o" político, homem. *"Um dos caracteres mais duradouros do direito romano, o que teve mais consequências é sem dúvida a posição privilegiada do chefe de gens, do pater famílias, só ele é plenamente responsável, plenamente proprietário, só ele é plenamente apto a fazer justiça. Nem o filho, nem a mulher possuem nenhum direito, nenhuma personalidade jurídica."* (GRIMAL , 1984, p 93).

Assentadas as bases das quais se deu o processo civilizatório de nossa cultura ocidental, Clio, musa da História, contempla Cronos, Deus Tempo, e na brevidade deste espaço que busca dizer do Político do Futuro, em terra brazilis, pede olhemos o presente.

Questão de ordem, imperativo o pensamento que segue: o nosso polÍtico do futuro viverá o que está se denominando vá ser o "novo normal" e lidará com uma questão que desde já está se impondo – há todo um discurso de perda e agonia da economia, cujo causador se pretenda ser o Coronavírus.

NÃO. Vivemos o paradigma einsteniano – tudo se relativiza. O coronavírus pode vir a estabelecer novo paradigma: ele é absoluto, enquanto for, enquanto não houver antídoto. O Coronavírus parou o Tempo, o tempo laboral, o tempo do chão de fabrica, parou a economia. Economia que é relativa – parada está a economia

produtiva; já a economia rentista está bombando, desde 23 de março até 11 de maio, sete semanas, o Indíce da Bolsa de Nova York teve alta de 30,3%, Deus Mercado segue incólume, com o Banco Central americano, o Federal Reserve comprando ações e papéis junk – podres e despejando dinheiro novo na Bolsa, provocando que fundos gigantescos e grandes fortunas invistam na bolsa, com a expectativa criada de elevação das cotações. A economia rentista não sofreu abalo e isto é fator determinante que processos sociais, econômicos prossigam no seu caminho de concentração de renda, com consequências no "novo normal", o escritor italiano Lampedusa, em sua obra O Leopardo, estudando a sociedade siciliana de fins do século XIX, escreveu: "*para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude*."

Os afetos em voga, como o medo, a dor clamam por solução, um novo tempo que seja superação – desde já se constrói o discurso do 'NOVO NORMAL', cuja narrativa desde já professa a perda, o dano, numa sociedade de risco, onde o ser humano tem que se confinar sob risco de perda da vida, e já está sendo doutrinado a crêr a economia para ele, que integra a imensa maioria da população, aquela que precisa e carece trabalhar para sobreviver, terá uma certa normalidade nas rotinas de laborar, mas terá perda de renda, e assim será para aqueles que dependem da economia produtiva, economia que, em sua subjetividade, preservará a economia rentista.

Rumo ao futuro, o olhar apreende presente, o contemporâneo, o tempo nosso, com valores outros agregados na luta, no sangue – na passagem do tempo, a mulher se insurge contra o patriarcado, a escravidão é crime e da cadeia. É outro tempo, é a contemporaneidade.

"contemporaneidade é uma totalidade heterogênea, internamente desigual e combinada. Considerar o vírus como parte da nossa contemporaneidade implica ter presente que, se nos quisermos ver livres do vírus, teremos de abandonar parte do

que mais nos seduz no modo como vivemos. Teremos de alterar muitas das práticas, dos hábitos, das lealdades e das fruições a que estamos acostumados e que estão diretamente vinculados à recorrente emergência e crescente letalidade do vírus. Ou seja, teremos de alterar a matriz da contemporaneidade, sendo certo que desta fazem parte as populações que mais sofrem com as formas dominantes da contemporaneidade.

A hiper contemporaneidade do novo vírus assenta em algumas características particularmente instigantes. Primeiro, o novo vírus interpela tão profundamente a nossa contemporaneidade que é legítimo ver nele uma mega fratura abissal, um novo Muro de Berlim. Um muro que desta vez não separa dois sistemas sociais e políticos, mas antes dois tempos: o antes e o depois do coronavírus. Saber se as mudanças serão para melhor ou para pior é questão em aberto. Mas serão certamente significativas. O curto período do fim da história parece ter chegado ao fim". (SOUSA SANTOS)

Um tempo em choque, um tempo em medo que chega caleidoscópico e não necessariamente caótico. Há uma ordem, todo um processo civilizatório que impede e barra o caos, constrói perspectivas onde presente moldara futuro, um tempo em construção. O sociólogo Souza Santos, ao aludir "*ao curto período do fim da história*" faz referência a obra "*O Fim da História e o Último Homem*", de F. Fukuyama, que argumenta, pós queda do Muro de Berlim, o advento da democracia liberal ocidental seria o ponto final da evolução sociocultural humana e forma derradeira de governo.

Este presente que molda o político do futuro quebra certezas acadêmicas, trinca a polaridade esquerda-direita e impõe reflexões. É o tempo do Estado de Exceção, que abriga em sua definição acadêmica polêmicas dosadas nas variações possíveis deste Estado em relação ao Estado de Direito, condição primeira das

democracias ocidentais - adota-se aqui a definição de Agamben: "*O estado de exceção não é uma ditadura* (...), mas um espaço vazio de direito, uma zona de anomia em que todas as determinações jurídicas estão desativadas"(AGAMBEN, 2003, p. 78).

Presente que propicia ao politico entender o melhor das questões de saúde em termos sociais, o atendimento a população global. Desenvolveu-se nos anos 70 do século passado o conceito de Biopolítica, por Foucault - Até o Moderno, eram os Reis, eles impunham, os Governos pós revoluções burguesas ocidentais, conduzem, o Rei tinha o poder de mandar matar, a Biopolitica terá a função de fazer viver, deixar morrer, *"A economia de mercado não subtrai algo do governo. Ao contrário, ela indica, ela constitui o indexador geral sob o qual se deve colocar a regra que vai definir todas as ações governamentais. É necessário governar por causa do mercado. E nessa medida, a relação definida pelo liberalismo do século XVIII é inteiramente invertida."* (FOUCAULT, 200 4, P 266). O Estado Moderno vai gradualmente ampliando poder, ele faz que governar seja inverso de reinar – a linguagem econômica será a superfície de contato entre o individuo e o poder. O Homem atual é o sujeito governável da sociedade liberal, ele não é necessariamente livre – vide que o Estado de Exceção é ato da governabilidade, mais que nunca a liberdade é condicionada.

Independente da cronologia pessoal, é tempo com forte carga de vivência, secular, presentes os afetos todos – medo, alegria, pavor, felicidade, amor, ódio.E da química resultante dos afetos, empatia e sinergia próprias que o político do futuro, neste cenário de exceção, militara e, assim caminham as preces, contribua para o mais suave possível processo de retorno ao Estado de Direito.

Em um cenário com 33 partidos politicos registrados legalmente, eleitos em campanhas provavelmente financiadas por dinheiro público (legislação atual), terá

disputado cargo para eleições proporcionais (vereadores, deputados estaduais e federais) e majoritárias (Prefeito, Senador, Governador, Presidente).

Poderá ter uma postura inclusiva ou contrária a inclusão, seja candidato, candidata ou candidate, te espero e desejo tenha formação que, independa carregue bússola, crucifixo ou calculadora, tenha coração e mente para ler os muito Brasis dentro do Brasil, não " *(...) exprimindo-se através de uma política favorável a crescente concentração de capital, num movimento politico de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara modernizadora, guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionalistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais do tipo manipulatório*."(KONDER, 2009, p 53) porque aí se configuraria expressão fascista.

Terá que estar a par de glossário próprio do feminismo, absorvendo significados de expressões como: sororidade – União entre mulheres, Empoderamento – consciência coletiva, ações para fortalecer a equidade entre os sexos, Patriarcado – sistema social em que os homens adultos mantém o poder, na família ou na sociedade, Misoginia – desprezo, ódio ou aversão às mulheres; Feminicídio – Crime de ódio baseado em gênero, envolvendo violência doméstica, familiar; Mansplaining – quando um homem, em tom didático, explica algo óbvio para uma mulher, etc. Ainda as mulheres componham 51% do eleitorado no Brasil, há décadas a participação política traduzida em cargos é pífia, mesmo com as cotas eleitorais com a Lei 12.034/2009 estabelecendo 30% para candidaturas femininas – da maneira e modo que os Partidos Politicos são conduzidos, na persona de lideranças eternas, homens, que chegam até a usar candidatas como laranjas no acesso aos 15% do Fundo Partidário.

Neste 2020, com a Emenda Constitucional 97/2017 estão vedadas as coligações partidárias nas eleições proporcionais, o que deve contribuir para uma

mais efetiva participação legislativa pela mulher.

Para eleger-se , será resultado de sua campanha, e deverá considerar as mídias sociais – as novas tecnologias de comunicação e informação trazem a novidade do broadcast, um centro informativo único, com caráter institucional, por sua penetração social e respeitabilidade pública, ter a "concorrência" Multicast, onde todas as pessoas podem ser produtoras e consumidoras de informação, com forte interação, mas observa o sociólogo Miguel Lago, há a consequência de conteúdo fragmentado, sem o clássico processamento de argumentação e contra argumentação, com ideias soltas perfazendo um perfil e dando adeus a dialética.

O pentecostalismo integra a crença evangélica e vem crescendo na totalidade de fiéis, como também seus representantes tem feito crescer as bancadas evangélicas nas Assembléias Legislativas e Câmaras dos Deputados Estaduais e Federais, advindos de denominações como Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Evangelho Quadrangular e outros, com forte penetração popular pelo uso das redes sociais, sendo curioso que suas candidaturas dependam menos dos Partidos Politicos, e mais dos fiéis nos templos das suas atuações. Sua base doutrinária consiste na pregação da Teologia da Prosperidade, que encontra eco no discurso econômico liberal em voga: o fiel deve buscar uma atividade empreendedora, onde por seu mérito possa competir entre seus iguais, e ser bom provedor entre os seus. Sem dúvida constitua possibilidade de acesso ao nosso político do futuro; tudo faria, porém, ele percebesse "a retórica que justifica a falta de moradias, o desemprego, o empobrecimento crescente, a perda de poder, etc apelando a valores supostamente tradicionais de autoconfiança e capacidade de empreender também vai saudar com a mesma liberdade a passagem da ética para a estética como sistema de valores dominante." (HARVEY, 1989, p 301).

Referente a "profissionalização" do candidato, além das tradicionais pós

graduações acadêmicas em Ciência Política, há iniciativas várias na forma de Institutos, como o Millenium e o curso EAD do RenovaBR, que elegeu 17 candidatos Brasil afora nas eleições de 2018 e tem preocupação em discutir planejamento urbano, impostos, federalismo, o que, em tese, um político deva dominar no exercício de sua função.

O modelo político que receberá nosso político é o chamado Presidencialismo de Coalizão, termo criado pelo sociólogo Sérgio Abranches, onde oligarquias centenárias, em famílias muitas vezes, fazem do Governo em exercício seu refém – " O mandato presidencial depende da resiliência do apoio da coalizão exatamente naqueles momentos de crise política em que predominam incentivos a fuga ou dispersão dos aliados. Sem esse amparo político sólido, o próprio mandato presidencial é posto em xeque. Ao mesmo tempo, e muito importante, no modelo constitucional de 1988 a arquitetura da democracia tem se mostrado bastante resiliente a crises disruptivas. Tem resistido a interrupções de mandatos presidenciais e a investigação de vasta rede de corrupção politico-empresarial, que atingiu parte da elite política."(ABRANCHES, 2018, p 51).

Por certo, nosso(a)(e) mandatário(a)(e) deparará, ou mesmo virá, da judicialização da política, no esteio da Constituição de 88, com o Ministério Público tendo forte papel de regulador social.

"*Cabe mencionar como relevante a criação dos Juizados Especiais de Pequenas Causas Cíveis e Criminais, em 1995.(...) têm tido algum efeito em tornar a Justiça mais acessível*." (CARVALHO, 2001, p 210).

Há a infeliz circunstância, dentro da necessidade de coalizão que o Executivo carece para governar, que essa Coalizão seja formada por antigos caciques, há décadas na política, em geral o comando de pai para filho, neto ou sobrinho, e esse comando de Partidos passe pela "estruturação de conexões, onde diversos tipos de

articulação público – privada buscam maximizar oportunidades que podem ser obtidas do setor público, o setor privado responde estruturando conexões com o sistema político, (...) laços clientelistas particulares definidos e suportados por contribuições a políticos. Com isso fecha-se o ciclo de interações relacionais do capitalismo de laços no eixo empresa-Estado." (LAZZARINI, 2011, p 36).

Partidos com bancadas pequenas, mas conduzidos por caciques com décadas na política, formando o chamado Centrão, que hipoteca seu apoio pela oportunidade de estabelecer relações e laços patrimonialistas e lesa Pátria, desde a votação do sistema de reeleição no Governo Fernando Henrique Cardoso, no mensalão do segundo Governo Lula, e, presentemente, negociando com o Governo Bolsonaro.

Georges Duby, medievalista da Escola dos Annales, em França, tendo uma obra que comtempla o Ano Mil, o acontecimento social da passagem do milênio para a sociedade de então, se dispôs a comparar o Homem da virada do ano mil ao Homem da virada do segundo milênio, ano 2000: "É efetivamente a tomada de consciência de que há pessoas que morrem de fome e, que amanhã podemos estar em seu lugar. É essa inquietação que nos ronda hoje, essa angústia diante do desemprego que nos leva a perguntar: será que eu, meus filhos não estarão desabrigados amanhã, na fila da sopa. Esse medo da privação oprimia até o ventre os homens do século XI, penso que essa tortura perdurou através dos séculos, acrescento, no entanto, que se tinha muito mais confiança na solidariedade ontem do que hoje."

Tenho por concluso a fragmentação do quadro partidário, em vários partidos e credos, a fragmentação também do discurso venha constituir caleidoscópios de segmentos sociais em nichos eleitorais, cujas simetrias componham a narrativa de eleger representantes entre os de seu meio social, deverão circunstancialmente

compor coalisão, atendendo interesses corporativos , de classe, numa mobilidade de posições que, provável, dispa a ideologia, mas misericórdia e percepção do outro sejam valores.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio*. Estado de Exceção*. São Paulo:
Boitempo, 2003

ABRANCHES, Sergio. *Presidencialismo de Coalisão – Raízes e Evolução do Modelo Politico Brasileiro.* São Paulo : Companhia das Letras, 2018

DUBY, Georges. *Ano 1000, Ano 2000 – Na Pista de Nossos Medos*. São Paulo :
UNESP Editora, 1988

FOUCAULT, Michel – *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo : Martins Fontes
Editora, 2004

GRIMAL, Pierre – *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições
70, 1984

HARVEY, David – *Condição Pós Moderna*. São Paulo : Edições
Loyola, 1989

KONDER, Leandro – *Introdução ao Fascismo*. São Paulo: Editora Expressão
Popular, 2009

MAZZA, Luigi. Ensaio: *Liberais de Laboratório*. Rio de Janeiro: Revista Piauí, numero 161, fevereiro, 2020

SOUSA SANTOS, Boaventura de – Ensaio – *O Coronavírus, esse nosso Contemporâneo* - site *Outras Palavras.net*, Boletim 1.402, acessado em 12.maio.2020